

Demanda por equipamentos atrai empresas estrangeiras

Luiza Silvestrini

A expectativa de demanda gerada pelos pacotes de investimento em infraestrutura lançados pelo governo federal tem atraído cada vez mais apostas de empresas estrangeiras ao Brasil.

É o caso do grupo STS, gigante espanhol no mercado de tubos para óleo, gás e água, que acaba de se instalar no Brasil. "É uma tendência que o mercado mundial de infraestrutura acabe se voltando para a América Latina. Tanto que até 2016, o grupo deverá triplicar o faturamento da matriz, que hoje é de pouco mais de 1,8 bilhão de euros, só com a América Latina", disse ao DCI o diretor da Inside Global, responsável pela operação da STS na América Latina, Edmilson Assis.

De acordo com o executivo, entretanto, o Brasil ainda é visto como o maior mercado. "Estamos acreditando no mercado interno, nas obras e nas rodadas de licitações, principalmente com o pré-sal, termos boas oportunidades de negócios", detalhou.

Para o professor do mestrado em Gestão Internacional da ESPM, Frederico Turolla, a chegada de novas empresas estrangeiras é uma tendência natural, mas essa movimentação deve seguir um ciclo. "O investimento direto em infraestrutura no Brasil costuma vir em ondas, muitas empresas vêm de uma vez, mas nem todas se mantêm porque o mercado brasileiro é burocrático e complexo", disse. "Felizmente, tivemos recentemente uma onda de entrada de empresas nessa área e com a divulgação internacional das concessões de rodovias, ferrovias, aeroportos e portos, muitas empresas estão se preparando para vir", complementa Turolla, que destaca o interesse das chinesas nos processos.

As chinesas são, inclusive, alvo das estratégias da Inside Global. "Os chineses são famosos por fornecer produtos de baixa resistência para baratear os custos e pretendemos concorrer com isso oferecendo produtos de melhor qualidade, também a um preço justo", afirmou Assis.

O principal interesse da Inside Global, além das concessões do Plano de Investimento em Logística (PIL) do governo federal, é a Petrobras, que deverá aportar US\$ 236,7 bilhões nos próximos cinco anos para expandir a malha de dutos.

Mesmo assim, a empresa aposta no crescimento a longo prazo, contando com as melhorias prometidas pelos projetos do governo. "Os investimentos em portos acabam, indiretamente, sendo propícios aos nossos negócios, porque mesmo que a gente não atenda à demanda interna, podemos trazer soluções da nossa matriz do exterior", explicou Assis. "O custo acaba sendo menor, já que a matéria-prima brasileira, como o aço e o carbono, acaba tendo um custo menor no exterior, depois de industrializados", complementou o diretor da Inside Global.

Siderurgia

Outro investimento estrangeiro no País é o braço do conglomerado siderúrgico austríaco Voestalpine AG, presente no País há 10 anos, o grupo VAE Brasil. A empresa abriu neste ano a segunda fábrica no Brasil, em Bacabeira (MA), mirando o fornecimento de equipamentos e soluções tecnológicas para empresas vencedoras das concessões ferroviárias, por exemplo. A primeira unidade já funcionava em São Paulo (SP) desde 2005.

A expectativa é de que a nova fábrica atenda a grandes contratos, voltados à construção de novas linhas, como a Transnordestina Logística, a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) de Natal (RN), Maceió (AL), João Pessoa (PB) e Recife (PB), a Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol) e a Ferrovia de Integração Centro-Oeste (Fico).

Além disso, a empresa aposta na manutenção dos serviços prestados à Vale, com quem tem um contrato desde de 2010, para a duplicação da estrada de ferro de Carajás.

Concessões

Embora o Brasil esteja atraindo apostadores para o fornecimento de estrutura e tecnologia para os projetos de infraestrutura do governo, especialistas alertam para a baixa adesão de novas empresas diretamente aos leilões.

"A infraestrutura brasileira não está atraindo novas empresas para as licitações. Eu não vejo empresas novas, são sempre as mesmas empreiteiras, que estão acostumadas ao Brasil, como a CAF e a Bombardier. Dificilmente vai aparecer uma empresa nova porque é um negócio que depende da compreensão do País e da formação de consórcio", explicou ao DCI o presidente da Macrologística, Renato Pavan. "Agora, porém, há a expectativa da chegada de empresas coreanas e chinesas, além da Siemens e da Alston", completou o especialista. As duas últimas estão envolvidas nas investigações sobre um suposto cartel formado nas licitações do Metrô de São Paulo.

Até o início de novembro, o governo deverá começar a publicar os editais de concessão das primeiras ferrovias do País.

Fonte: DCI, São Paulo, 10 set. 2013. Caderno B, p. A9.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educativos.